

UM ESTUDO DE CASO

Ronaldo Ribeiro da Cunha

Vou circunscrever o material obtido no processo analítico desse caso, à entrevista inicial com os responsáveis e a fragmentos de algumas sessões, na intenção de trabalhar aquilo que me interessa e que considero mais rico nesse caso, sem sobrecarregar o texto com uma profusão de exemplos e construções teóricas, essas mais restritas ao final do trabalho.

Dessa maneira, o primeiro contato que tenho com Carolina (8 anos) se dá através do relato de sua tia e de sua mãe na entrevista realizada com elas a partir de uma solicitação para um atendimento.

Na maior parte do tempo quem fala é a tia, o que me chama a atenção, mesmo sendo uma situação que parece ser motivada pela deficiência auditiva da mãe.

A busca de uma terapia para Carolina surgiu em função de modificações de seu comportamento, atribuídas à descoberta, há dois anos atrás, da verdadeira causa da morte do pai (assassinado num assalto ao ônibus em que se encontrava, quando Carolina tinha 2 anos). Na época do ocorrido, fez-se uso de um artifício do tipo: papai foi para o céu ficar com papai-do-céu.

Desde então, a menina passou a desenvolver uma certa agressividade direcionada à mãe, comportamentos obsessivos e uma fobia ao contato físico com a irmã que, segundo as descrições da tia, vem piorando com o tempo, a ponto de, hoje, se a irmã tocar alguma roupa limpa de Carolina, esta tem que ser imediatamente posta para lavar. No entanto a tia, na verdade, não põe a roupa para lavar, apenas fingindo fazê-lo.

Além disso, relatam como sendo significativo, o que poderia ser descrito como uma atenção especial da mãe à irmã, mais velha, como se fosse uma preferência, fato atribuído à demora na sua concepção que era desejada com ansiedade pela mãe, ávida pela primeira gravidez. Isso já não ocorreu no caso de Carolina que foi recebida sem o

mesmo alarde. No entanto, relatam que essa situação parecia ser contrabalançada pela relação de Carolina com o pai, enquanto este era vivo.

Contam ainda que, atualmente, Carolina só faz o que quer, demonstrando extrema resistência a cumprir ordens, o que vem, inclusive, criando problemas escolares, pois Carolina, muitas vezes, se recusa a levantar para ir para a escola.

Por fim, me comunicam que recentemente a menina foi atendida por uma psicóloga, mas após algumas sessões disse que não queria mais ir e, frente a sua resistência, o atendimento foi suspenso.

Após acertar os detalhes do contrato e o horário para a primeira sessão com Carolina, a tia e a mãe me perguntam o que devem dizer para ela, pois temem muito que Carolina se recuse a ir nesse primeiro encontro caso saiba de que se trata. Sugerem que se conte uma mentira, dizendo que vão passear, de forma a que ela só saiba aonde vai quando chegar ao consultório. Afirmo que o melhor é lhe contar a verdade sem dar muitos detalhes, dizendo apenas que vai ser levada a alguém com quem irá conversar sobre o que quiser.

No dia marcado, Carolina chega na hora, trazida pela tia, e a primeira coisa que fico sabendo é que nosso horário terá que mudar, pois em função de uma negociação com a professora, Carolina prometeu não perder mais aulas, desde que pudesse estudar na parte da tarde.

Nos dirigimos para a sala e Carolina não demonstra ansiedade quando a porta é fechada e sua tia fica do lado de fora, na sala de espera.

Sentamo-nos e começamos a conversar um pouco sobre os motivos por ela estar ali e de como seriam nossos encontros e, após alguns minutos, Carolina reproduz com mímicas, os gestos que estou fazendo, sem me dar conta, com as mãos enquanto falo com ela.

A partir disso, tomo consciência que estou agindo de forma um pouco artificial e “técnica”, possivelmente em fruto de uma postura defensiva, adotada inconscientemente, em função de uma certa ansiedade que havia se criado com relação a esse primeiro encontro, em decorrência da fala de sua tia e de sua mãe, onde expressavam uma

incredulidade no desejo e disposição de Carolina de comparecer as sessões, o que, verbalizaram claramente, inviabilizaria o atendimento. Isso, por sua vez, reverberou em material inconsciente meu, associado a fantasmas de rejeição.

Partindo da consideração da importância da dimensão afetiva dos encontros, optei por expressar, então, de forma simplificada toda essa dinâmica, falando que estava entendendo que ela havia percebido que eu estava um tanto “pouco à vontade” e que me comunicava isso através de suas mímicas. Isso pareceu satisfazê-la mudando sua atitude e, a partir daí, a sessão transcorreu num clima mais relaxado e de maior espontaneidade de ambas as partes. É interessante notar nessa dinâmica a modificação do sentido da relação, provocada por uma intervenção da paciente, redirecionando as linhas de força de uma vertente que se poderia se chamar de tecnicista, para outra no campo das afecções.

Outros dois momentos importantes dessa sessão, que também situo nesse campo, se deram quando aceitei a oferta de um chiclete de Carolina e no momento em que me sentei no chão ao seu lado, o que a surpreendeu positivamente, levando-a inclusive a comparar-me favoravelmente com a psicóloga que a havia atendido. Gostaria de ressaltar que me parece que o que foi sentido como mais significativo nesses dois momentos foi a minha disposição afetiva, ou seja, não se tratou propriamente do significado de acolhimento e aproximação que meus atos portavam em cada situação, mas daquilo que foi vivenciado afetivamente em conjunto nessas experiências.

No final da sessão, após acertarmos um horário para nossos encontros aos sábados, Carolina esvaziou uma “bolsinha” pequena, em forma de coração, que havia trazido e me pediu para ajudá-la a guardar as coisas dentro de forma arrumada, dando indícios do estabelecimento de uma transferência positiva.

Apesar da surpresa da tia que chegou a colocar em risco a continuidade do processo analítico da sobrinha ao duvidar verbalmente de sua disposição de vir às sessões conforme havia combinado comigo, Carolina ratifica a mesma, um tanto timidamente, com o meu suporte.

A maioria das sessões subsequentes se passa com o estabelecimento de uma brincadeira que gira em torno do tema da alimentação, onde preparamos diversas refeições, comemos e limpamos as peças utilizadas. Na grande maioria das vezes

participo da brincadeira apenas cumprindo o papel que me é atribuído de forma espontânea, entendo que isso, por si só, cria um espaço para a re-vivência de situações em novas bases afetivas, o que possibilita um movimento expansivo e, como consequência, alimentador de impulsos criativos. No entanto, ocasionalmente, faço breves intervenções no sentido de explicitar verbalmente a dinâmica afetiva que comparece na brincadeira, como numa ocasião em que após ter faltado uma sessão, Carolina me servia uma quantidade enorme de comida, como que para apaziguar qualquer raiva que pudesse ter gerado.

Nesse contexto, em uma sessão em que estamos brincando de escola, onde ela ocupa os papéis de professora e mãe e eu de aluno e filho malcriado e desobediente, a mãe, em virtude do boletim escolar, descarrega um massacre incessante de ameaças e castigos, até chegar um momento em que eu, me sentindo desesperado pela ameaça final de ser posto para dormir na rua, debaixo da ponte, digo para Carolina, minha mãe na brincadeira, para não fazer isso porque a amo.

Trata-se de uma intervenção, no mínimo, arriscada e ousada, pois como muito bem apontou um colega mais experiente, poderia levar a um recalçamento das pulsões agressivas da paciente, na medida em que minha fala indicaria uma incapacidade de suportá-las, produzindo a idéia de que a expressão dessa corrente pulsional implicaria na destruição do objeto-alvo.

Não resta dúvida de que essas colocações são mais do que pertinentes e merecem a devida consideração, inclusive para se buscar intervenções que portem um risco menor.

Por outro lado, os desdobramentos desse episódio não parecem ter se encaminhado nessa direção, do recalçamento, tanto na continuidade da sessão, quanto das sessões seguintes. Isso porque minha resposta transferencial na brincadeira, parece ter possibilitado, finda a mesma, o estabelecimento de uma atmosfera de terna e serena cumplicidade, abrindo espaço para Carolina expressar e compartilhar verbal, espontânea e diretamente aspectos do seu *self*, o que, até então, nunca havia acontecido, falando sobre seus gostos musicais e de como costuma preencher parte de seu tempo livre.

Parece que a frase, investida afetivamente como estava no jogo transferencial, surtiu um efeito que mudou completamente o curso da brincadeira, parecendo reorientar a direção do fluxo afetivo de Carolina para uma linha que Ferenczi caracterizaria como pertencendo à linguagem da ternura¹. Com isso quero frisar a dimensão infantil da linguagem, ou seja, aquela que não porta um sentido dado *a priori*, mas pelo contrário onde o sentido se cria na experiência.

Nesse sentido, o que foi vivido na dimensão afetiva foi algo distinto de uma falência do objeto, mais parecendo algo da ordem da afirmação de um amor incondicional, independente de qualquer caráter percebido como negativo. Porém, mais importante do que codificar um “significado verdadeiro” da vivência daquele momento, nos parece ser enfatizar a dimensão de abertura que o mesmo pareceu comportar, no sentido de possibilitar a criação de novas formas de existir.

A sessão seguinte parece confirmar essa nova dimensão criativa, relançando a relação analítica sobre novas bases de confiança pois, pela primeira vez, Carolina aborda as questões da morte do pai e do incômodo que sente em ter qualquer contato físico com sua irmã. Essa mudança na dinâmica psíquica da paciente parece se ratificar nas sessões subseqüentes, pois apesar da manutenção das brincadeiras e jogos de costume, a ampliação da variedade dos mesmos e o entrecruzamento de conversas abordando questões conflituosas e difíceis, indicavam uma mudança de nossa relação.

Pensando agora sobre aquele momento crucial, acredito que o que se processou foi um encontro, ou seja, a dinâmica das forças presentes naquele agenciamento foram produtoras de um sentido, possibilitando, naquele instante, a solidificação de um processo de confiança integral que havia se iniciado na primeira sessão. Fazendo uso de um conceito de Gilberto Safra, acredito poder dizer que se tratou de um momento mutativo,

¹ FERENCZI Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: ____ **Psicanálise IV**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ou seja o encontro, por parte da paciente, de uma relação que possa lhe fornecer uma necessidade que não pôde ser satisfeita ao longo de seu desenvolvimento.²

Gostaria de chamar atenção aqui para o fato de que me parece que o mais importante que qualquer interpretação que pudesse ser feita, no sentido de significar esse momento para Carolina em termos de sua história, é a vivência afetiva que dele resultou e que é terapêutica por si só, na medida em que configura a abertura para o novo e, portanto, para a dimensão criativa da vida.

Tomando a leitura que Gilberto Safra faz das tragédias gregas³ para enriquecer essa leitura, podemos pensar que a vivência daquele momento foi correlativa da encenação de uma tragédia grega transcendida, pois as máscaras que usávamos para encenar nossos papéis, deram lugar, naquele instante, a vivência de uma experiência criadora de sentido para além do que ali se encenava, configurando uma experiência de caráter estético, fundada sob uma dimensão ética, entendida como morada do ser, na medida em que possibilitou, para Carolina, um sentimento de si.

Tudo isso parece apontar numa direção diferente da que muitas vezes é associada ao trabalho clínico e que remete a idéia de elaboração de um passado falho ou traumático. Não se trata de desconsiderar a dimensão de passado que comparece nos encontros, mas sim dar foco àquilo que escapa dessa dimensão, visando afirmar o que ali se cria, potencializando os movimentos de constituição de novas formas de existência. Nesse sentido, apostamos que mais importante do que entender ou explicar o comportamento de Carolina com base em sua história de vida, bem como a resposta do terapeuta como oriunda de eventuais fantasmas não elaborados em sua análise, é a construção feita pelo par analítico de uma experiência criadora de sentido sobre o qual pode se assentar os fundamentos para a constituição de um sentimento de si.

Posso dizer que o afeto presente naquele momento foi vivido e sentido como extremamente verdadeiro, o que, na dinâmica psíquica de Carolina, parecia ser de extrema e fundamental importância, na medida em que a expressão da verdade se

² SAFRA, Gilberto **Momentos Mutativos em Psicanálise – Uma Visão Winnicottiana**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pág. 35.

³ SAFRA, Gilberto **A po-ética na clínica contemporânea** 2ª edição, São Paulo: Idéias & Letras, 2004, pág. 55.

configurava como questão para ela, sendo recorrentemente trazido nas sessões, fosse através de expressão verbal direta ou de material simbólico.

Associando essa questão a informação obtida da tia e da mãe, na entrevista que tive com elas, de que a mudança de Carolina se deu, aos 6 anos de idade, a partir da descoberta das reais circunstâncias em que o pai havia falecido (4 anos após o fato), não posso deixar de considerar o conceito heideggeriano de autenticidade e formular a idéia de que Carolina busca, incansavelmente, naquilo que entende por verdade, a condição para estabelecer um viver autêntico. No entanto, desenvolver essa idéia extrapolaria a proposta desse trabalho e exigiria um desenvolvimento do mesmo centrado sob a ontologia.

Colocando em termos winnicottianos, mais próximos para mim, poderíamos pensar que a vivência, na transferência em análise, de um encontro sentido afetivamente como verdadeiro, abre caminho para o estabelecimento de uma confiança no ambiente, que passa a ser percebido como capaz de refletir e expressar, sem falsas abordagens, as questões que se apresentem, criando condições para o estabelecimento do gesto espontâneo e do desenvolvimento do verdadeiro *self*.

Nesse sentido, a extrema maturidade apresentada por Carolina desde o início do processo analítico, que se expressava, entre outras coisas, no fato de todas as decisões com relação ao dia e horário das sessões, bem como de ir ou não as mesmas, serem de sua competência e alçada; pode ser entendida como oriundas de um amadurecimento prematuro do *self*, na linha em que Ferenczi aponta em *O sonho do bebê sábio*⁴, em decorrência de alguma vivência em que o sentimento de confiança no ambiente para fornecer suporte e apoio falhou, levando a instalação de defesas apropriadas para conter a angústia decorrente, mas criadoras de barreiras para o estabelecimento daquilo que Winnicott chamava de espaço potencial e que possibilita a expressão criativa. Isso era representado nas primeiras sessões, pela invariável brincadeira de preparar comida para comermos, especialmente eu, e que era sentida por mim como estando associada a uma fantasia de aplacar uma voracidade oriunda de possíveis pulsões sádico-orais presentes em minha pessoa, controlando assim a emergência de qualquer agressividade que pudesse

⁴ FERENCZI O sonho do bebê sábio. In: ____ **Psicanálise III**, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

emanar daí. Esse movimento parecia se acentuar nas sessões seguintes às que havia faltado.

Além disso, essa brincadeira apresentava uma extrema pobreza em termos criativos, não só por sua repetição, praticamente inalterada, de uma sessão para outra, como também pelo conteúdo dos pratos preparados, sempre restritos as indicações das caixinhas de ingredientes que haviam vindo junto do jogo de pratos, talheres e panelas com os quais brincávamos, acrescidos das batatas fritas do tipo “Ruffles” que, invariavelmente, Carolina trazia para a sessão e que acentuavam a concretude de que se revestia o brincar.

Por outro lado, acredito que foi só graças à possibilidade dessa repetição que a confiança no ambiente pôde se desenvolver, abrindo espaço para a ampliação das brincadeiras e, conseqüentemente, da criatividade, único caminho pelo qual, segundo Winnicott, o indivíduo descobre, ou melhor, cria o *self*, ou seja entra em contato com a dimensão do que se costuma designar por si mesmo.

Acrescido a isso, acredito que, no processo analítico de Carolina, foi minha postura, eminentemente lúdica e pouco interventiva, configurando o *holding* winnicottiano, que criou condições para que se desse aquilo que Winnicott designou como a superposição das áreas lúdicas do analista e do paciente, abrindo espaço para a manifestação da criatividade do último.

Outro ponto interessante a ser destacado é como durante o primeiro período da análise, onde predominavam as brincadeiras relacionadas à alimentação, a transferência parecia se caracterizar como sendo eminentemente centrada na imago materna, na maioria das vezes com a inversão dos papéis, ou seja, com Carolina ocupando o papel da mãe e eu do filho.

Só a partir de um segundo momento, próximo ao episódio descrito anteriormente, é que uma transferência de cunho paterno se desenvolveu de forma mais clara e intensa, inclusive em brincadeiras em que ela me colocava nesse papel, fosse como professor, ou como pai de uma boneca que ela havia levado para a sessão.

Com o tempo, Carolina começou a trazer o pai de forma cada vez mais explícita, com desenhos, histórias criadas por ela, até chegar ao ponto de falar sobre ele diretamente, comentando um de seus gostos.

Num desses momentos, Carolina me conta uma história, criada por ela, onde um menino que morava na rua, resolve viajar pelo mundo até chegar a uma cidade onde encontra um cara que aluga viagens de balão. Não podendo pagar, o menino retorna durante a noite e pega o balão indo visitar o pai que se encontrava no céu, de quem sentia saudades. Em outro momento, um recurso semelhante é usado, num sonho, para visitar uma amiga que se mudou para Belém, a quem ela foi visitar numa bicicleta que voava.

Além disso, Carolina vem podendo falar de seus sentimentos, mesmo os mais difíceis, tendo verbalizado, a partir de associações provocadas por um programa de televisão sobre a dor, como já sentiu uma dor emocional muito forte.

Acredito que o mais significativo de todo esse processo, foi a possibilidade que o ambiente analítico ofereceu a Carolina para experimentar uma relação de confiança, criando condições para que o processo de seu desenvolvimento voltasse a se colocar em movimento por vias criativas e geradoras de sentido. Nesse sentido, mais do que traduzir ou expressar o comportamento e a fala de Carolina em outros termos, centrados em qualquer código “psi” dado *a priori*, o ambiente analítico têm, pelo contrário, oferecido a possibilidade de experimentar um espaço não ordenado e, por isso mesmo, aberto a criação e exploração de novas organizações.

Esse processo parece ser descrito pela própria Carolina quando cria uma história em que dois mundos diferentes, um onde tudo era vermelho e outro onde tudo era amarelo, começam a ganhar múltiplas cores através de diferentes fórmulas. No mundo vermelho, por exemplo, havia um lago azul em que qualquer contato levava ao ganho de colorido, enquanto no mundo amarelo esse mesmo processo de multiplicação das cores se dava através de um pó mágico. Uma das coisas que me pareceu mais interessante nessa história foi a descrição de um processo de enriquecimento, representado pelo ganhar colorido, através do contato com a diferença. No entanto, esse processo não se dava de forma tranqüila, havendo muitos que recebiam o colorido, o que entendo indicar receios da própria Carolina com essa dimensão transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERECZI *O sonho do bebê sábio*. In: ____ **Psicanálise III**, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FERECZI *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In: ____ **Psicanálise IV**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SAFRA, Gilberto **Momentos Mutativos em Psicanálise**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SAFRA, Gilberto **A Po-ética na Clínica Contemporânea** 2ª edição, São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **The Piggle** 2ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1987.